

Editorial

Território com uma perspectiva de género

Alexandra López Martínez¹

A escritora Rita Segato (2016) e o historiador Yuval Harari (2014) concordam que o conceito de género é cultural e não natural e consideram necessário situar a história no seu interior. No entanto, e apesar de esta categoria ter conseguido ser incorporada nas agendas públicas a nível mundial, por exemplo, entre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) está o cinco com a igualdade de género, ainda há um caminho muito longo a percorrer e nós mulheres devemos continuar a trabalhar para ganhar um espaço como seres humanos, Nós, mulheres, devemos continuar a trabalhar para ganhar um espaço como seres humanos, com direitos iguais aos dos homens e para garantir que o movimento feminista não quer ter uma relação de poder com os homens, o que realmente promove é a justiça nas relações humanas e a emancipação das mulheres e de todos os seres humanos (LGT-BIQ+) que foram discriminados ao longo da história.

No domínio dos fenómenos urbanos como a segmentação e a segregação, existem estudos a nível latino-americano que dão conta das causas territoriais do fosso entre homens e mulheres, na sua maioria em grande escala, escalas que não são tão adequadas para analisar os fenómenos em questão.

A distribuição inadequada do rendimento e as relações de poder em que "os ricos têm o poder político e económico para impedir a invasão do seu território" (Harvey, 1977, p. 181), são outras das causas da segregação sócio-espacial, que não estão longe de explicar este fenómeno, mas com uma perspectiva de género. De acordo com o Departamento

¹ Doutoramento em Estudos Territoriais. Professora investigadora. Membro do Grupo de Investigação Observatório Público. Tecnológico de Antioquia. Medellín, Colombia. alexandra.lopez55@tdea.edu.co
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2966-4965>

Administrativo Nacional de Estatística (DANE), as mulheres na Colômbia representam uma maior proporção da força de trabalho, o que não significou melhores condições de trabalho ou salários iguais para homens e mulheres. Neste aspeto, o país tem um comportamento semelhante ao da América Latina, onde os salários das mulheres são, em média, inferiores aos dos homens (Marchionni et al., 2018).

A persistência desta situação significa que a autonomia e o empoderamento de que as mulheres necessitam para alcançar a igualdade de género é um objetivo lento de alcançar, e um exemplo desta situação é que, embora tenhamos conseguido um maior acesso, permanência e conclusão da educação, por vezes pode ser particularmente complicado para nós entrar no trabalho remunerado. O facto de ser difícil para nós alcançarmos a nossa independência económica, especialmente quando somos mães chefes de família, representa a manutenção do patriarcado que durante anos deu privilégios (políticos, económicos, culturais e religiosos) ao sexo masculino.

A maioria dos estudos sobre segregação socioespacial considera nas suas estatísticas o homem como o chefe de família, com o qual se mede o nível socioeconómico do agregado familiar, assumindo-se depois que a mulher desempenha outro papel. Por isso, é importante que a recolha de dados geoespaciais seja desagregada por género e não apenas por sexo, o que ainda é o caso atualmente. A incorporação de uma perspectiva de género no território permitirá detetar as armadilhas da pobreza, a vulnerabilidade socioeconómica e os casos de violência contra as mulheres, entre outros. A caracterização destas situações permitirá encontrar estratégias que permitam às mulheres sair do terreno pegajoso que as impede de avançar na sua igualdade de género.

Assim, é necessário contribuir para uma literatura onde a perspectiva de género seja parte permanente do debate não só nos estudos urbanos, mas também nos estudos rurais. Como refere Isabel Allende (2021) no seu livro *Mujeres del Alma Mía*, sobre o amor impaciente, a vida longa e as bruxas boas:

No hay feminismo sin independencia económica. Eso lo vi claramente en mi infancia con la situación de mi madre. Las mujeres necesitamos disponer de ingresos propios y manejarlos, para eso se requiere educación, capacitación y un ambiente laboral y familiar adecuado. No siempre es el caso. (136)

Referências

Allende, I. (2021). *Mujeres del alma mía: sobre el amor impaciente, la vida larga y las brujas buenas*. Plaza & Janés.

Harari, Y. N. (2014). *Sapiens. De animales a dioses: Una breve historia de la humanidad*. Debate.

Marchionni, M., Gasparini, L. & Edo, M. (2018). *Brechas de género en América Latina. Un estado de situación* (CAF - Banco de desarrollo de América Latina (ed.)). CAF - Banco de Desarrollo de América Latina.

Segato, R. (2016). *La guerra contra las mujeres*. Traficante de Sueños.

Como citar este artigo:

López, A. (2023). Territorio com uma perspectiva de género. *En-Contexto*, 11(18), x-x. Doi: 10.53995/23463279.1437